



## Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino

Diana Luz Pessoa de Barros\*

Lucia Teixeira\*\*

Eliane Soares de Lima\*\*\*

Este número da revista *Estudos Semióticos*, dedicado às contribuições da semiótica e outras teorias do texto e do discurso ao ensino, oferece ao leitor uma amostra bastante variada e representativa de análises cujo objetivo principal é associar a reflexão teórica às práticas pedagógicas. Desde a edição dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998), as diretrizes para o ensino de línguas consagraram a importância dos estudos do discurso para o ensino de leitura, produção textual e gramática da língua em uso. Nos PCNs fixou-se a relevância da noção de gênero e desenvolveu-se o conceito de letramento, entendido como “produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia” (BRASIL, 1998, p. 19). A ideia de saber ler amplia-se para a de tornar-se leitor e participante do mundo da escrita, com todas as implicações sociais daí advindas. Em outro movimento fundamental, os PCNs deslocaram a ênfase do ensino de língua da gramática para o texto, valorizando as práticas de ensino em que “tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem” (BRASIL, 1998, p. 18). A *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2017), em virtude de seu caráter pragmático, transforma essas reflexões e diretrizes em competências e habilidades, assumindo, em relação ao ensino de língua portuguesa, “a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem”, para destacar “a centralidade do texto como unidade de trabalho” (BRASIL, 2017, p. 65).

---

.DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.165324 .

\* Professora Titular e Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. Bolsista produtividade (Pesquisador 1A) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Endereço para correspondência: [dianaluz@usp.br](mailto:dianaluz@usp.br) ; [dianaluz@mackenzie.br](mailto:dianaluz@mackenzie.br) . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5182-6767> .

\*\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. Endereço para correspondência: [luciatso@gmail.com](mailto:luciatso@gmail.com) . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9519-8827> .

\*\*\* Pós-Doutoranda do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Endereço eletrônico: [li.soli@usp.br](mailto:li.soli@usp.br) . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0198-4473> .

Ambos os documentos registram e fazem circular mudanças significativas no ensino de línguas, orientadas fundamentalmente por uma contribuição cada vez mais sólida, sistematizada e engajada da linguística em sua relação com o ensino. Dentre essas contribuições, devem ser ressaltadas: o desenvolvimento e implementação na escola da noção de gênero, que abarca inclusive os fenômenos contemporâneos da cibercultura; o deslocamento da centralidade do ensino de português na gramática como sistema que organiza a norma-padrão para uma concepção voltada para o uso da língua em contextos variados e para os efeitos de sentido criados pela organização dos textos; o tratamento da variação linguística, que recupera na escola os usos que o aluno domina, para ampliá-los e adequá-los às diferentes situações sociais, oferecendo base sólida para o combate ao preconceito linguístico.

Destaque fundamental deve ser dado à Semiótica e demais teorias do texto e do discurso que, por meio de reflexão teórica e metodologias bem desenvolvidas, vêm mudando a forma de abordagem do texto na escola, que passa a ser explorado em propostas que vão muito além de uma tradição parafrástica de interpretação. Além disso, a própria formulação de estratégias pedagógicas, a escolha de objetos, a definição de objetivos e a articulação entre linguagem e vida social constituem aspectos importantes para a discussão do papel das teorias na formulação de políticas educacionais. Trata-se, afinal, de um modo de pensar a sociedade e de definir a função social de um professor de línguas hoje.

Os estudiosos do discurso, e os semiotistas em particular, têm procurado, de modos diversos, produzir conhecimentos sobre a sociedade e, com isso, contribuir para torná-la melhor. São trabalhos sobre intolerância e preconceito na linguagem, sobre discursos mentirosos, sobre a interação na internet, sobre a exclusão social, sobre o ensino-aprendizagem na escola, sobre os discursos políticos, entre muito outros, cada vez mais necessários. O conhecimento sobre os discursos ajuda a repensar a sociedade e o ensino, mas, sem a escola, as mudanças discursivas e sociais não acontecem ou não têm o alcance desejado. Em outras palavras, cabe ao estudioso do discurso produzir saber linguístico e discursivo sobre os discursos sociais e sobre a Educação, e à escola fazer uso dessas contribuições, repensando o ensino, em especial, de língua e de literatura, para que a mudança social e discursiva realmente ocorra. Os artigos reunidos neste dossiê mostram, assim, a importância do conhecimento sobre a sociedade produzido pelas pesquisas linguísticas e discursivas e o papel fundamental da Educação e da escola para que sejam percorridos caminhos que levem às mudanças sociais desejadas.

Todos esses aspectos são contemplados pelos vinte e um artigos aqui reunidos, que tratam de objetos e estratégias de abordagem de textos variados e incorporam tanto a novidade tecnológica das mídias digitais quanto os avanços teóricos capazes de oferecer quadros conceituais e instrumentos metodológicos fundamentais para a compreensão do funcionamento das linguagens e de suas articulações com o contexto sócio-histórico de produção.

O artigo que abre o número é o de Diana Luz Pessoa de Barros (USP/Mackenzie), intitulado “Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola”. Nele, dois pontos de discussão são privilegiados: (i) a necessidade do conhecimento sobre a intolerância e o preconceito na e da linguagem, para que sejam abertos e percorridos em sala de aula alguns caminhos que levem à aceitação social da diferença e à inclusão do diferente; e (ii) o do ensino-aprendizagem da leitura dos textos na internet pelo

desvelamento da mentira que fundamenta muitos deles. A partir daí, a autora procura apontar alguns rumos – com base especialmente na proposta da Semiótica Discursiva – para o tratamento dessas questões na escola, assinalando que, para fazer dos alunos bons leitores, é preciso, em primeiro lugar, mostrar-lhes as especificidades da organização discursiva dos textos, desde os temas e as figuras mediante os quais se manifestam as determinações ideológicas de quem o produziu, do grupo, camada ou classe a que ele se filia, até os diálogos do texto em questão com outros textos. Para ela, “a escola, com o conhecimento adquirido pelos estudos da linguagem e do discurso, pode ensinar os jovens alunos a bem interpretar os textos e a desmascarar aqueles que são fundamentados na mentira, e também a ter vergonha de mentir, de odiar e de discriminar”.

Dois outros artigos da presente edição também se dedicam a analisar, desta vez como tema central, o problema das *fake news* e a importância do ensino da leitura na escola como forma de oferecer instrumentos de leitura capazes de identificar os mecanismos discursivos constitutivos das notícias falsas. O primeiro deles, “Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica”, de Regina Souza Gomes (UFRJ), discute e sugere caminhos de observação das formas de construção da veridicção nos textos, buscando mostrar como a descrição desses mecanismos pode ser aplicada em atividades de leitura em sala de aula. A base teórico-metodológica é também a da Semiótica francesa, privilegiando os aspectos próprios ao nível discursivo da geração de sentido. Os textos escolhidos para análise e aplicação em atividades de interpretação são os de notícias, comentários e, principalmente, *fake news* que circulam nas mídias eletrônicas. Com isso, a semioticista, como o faz Barros, sugere, para que o aluno alcance os possíveis sentidos construídos nos textos, a condução, pelo professor, da observação dos mecanismos linguístico-discursivos que lhes dão fundamento.

O segundo texto a tratar do assunto é o de Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT), “Interações, leituras e sentidos em tempos de *fake news*: desafios para a formação de leitores no contexto escolar”, no qual se discorre sobre a produção e o consumo de notícias falsas, intensificados pelo fenômeno contemporâneo do uso de redes sociais, que ampliam as fontes de informação e ao mesmo tempo comprometem a fidedignidade do que se enuncia como fato. É com base nessa discussão que a autora apresenta reflexões acerca de implicações no campo da formação de leitores críticos no contexto escolar, da necessidade de ensino de novas práticas de leitura, mobilizando a Semiótica Discursiva como teoria que tem muito a oferecer às práticas didáticas cotidianas. Diz a estudiosa que a “escola precisa resistir e reorganizar suas práticas de ler os textos e o mundo”; e explica: “porque é nela que se produzem saberes para a compreensão do nosso tempo e das benesses e ardis da linguagem”.

Interessando-se também pelo ensino-aprendizagem das práticas de linguagem contemporâneas, o artigo “Contribuições da Semiótica às práticas de multiletramento”, de Silvia Maria de Sousa e Lucia Teixeira (UFF), procura compreender o fenômeno do multiletramento por meio da análise de conceitos que o demarcam, para, a partir daí, oferecer exemplos variados de formas possíveis de abordá-lo na escola. Assim, considerando que tal noção se assenta sobre dois eixos principais, o das relações entre linguagens na produção de textos sincréticos, e o das práticas sociais em que estes últimos são postos em circulação, as autoras, à luz dos níveis de pertinência propostos por Jacques Fontanille e do conceito de sincretismo, exploram diversos gêneros discursivos como notícia, capa de livro, *blog*, narrativa de aventuras e abaixo-assinado digital, para exemplificar como o

professor pode em sala de aula enfrentar os desafios impostos ao ensino de leitura pelos textos, objetos e práticas contemporâneas.

Essa é, igualmente, a preocupação de Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos (Mackenzie), que, em seu artigo “Internet e novas tecnologias como recursos didático-pedagógicos: entre o uso e a perplexidade”, discute alguns aspectos da formação docente para, na sequência, voltar-se às práticas pedagógicas levadas a efeito nas salas de aula da Educação Básica, enfatizando a utilização de recursos tecnológicos como um caminho desafiador para o professor e mais atraente para o aluno. A estudiosa parte de dados do atual Plano Nacional de Educação e do PISA, entre outros, para lembrar que a educação brasileira apresenta baixos resultados em avaliações nacionais e/ou internacionais, o que desemboca na questão da qualidade da escola brasileira, conceito este, segundo ela, bastante fluido e largamente discutido, sendo, por isso mesmo, também explorado em seu texto. De acordo com Vasconcelos, “muitos são os caminhos possíveis a serem apontados como alternativas de encaminhamento para a busca de soluções dos inúmeros problemas existentes, mas o foco principal reverberará, sempre, na sala de aula e na relação professor-aluno, nuclear em todo esse processo”; isso porque os alunos falam hoje, acrescenta ela, “a linguagem da tecnologia, e é dessa linguagem que o docente deve se aproximar, tirando dela o melhor proveito para atrair a atenção, despertar o interesse e estabelecer o diálogo como canal de aprendizagem”.

A discussão muda um pouco de rumo com o artigo de Jean Cristtus Portela (UNESP), “Semiótica didática: percurso histórico-conceitual de uma prática de análise”. Sem deixar de manter o foco na problemática do ensino, o autor propõe um estudo histórico-conceitual da constituição da Semiótica Didática – dentro do período-chave de formação da semiótica discursiva, com abertura a diferentes objetos (1970 a 1990) –, enquanto conjunto de textos teóricos e de análise suscetíveis de explicitar preocupações que fundamentam práticas de análises orientadas para a competencialização dos sujeitos em aprendizagem. Sua investigação assinala, portanto, que, nessa época, Greimas convidava seus leitores a conceber o texto didático e seu discurso como programação (seleção dos conteúdos e da discursivização e textualização dos enunciados didáticos) e persuasão (relações entre o enunciador e o enunciatário didáticos), indicando um conjunto de preocupações que permanecem profundamente atuais. Indo do texto ao discurso, do enunciado à enunciação, a discussão realizada desvela uma semiótica didática orientada para a ação e a interação, na qual as operações enunciativas assumem o estatuto de práticas semióticas dinâmicas e de larga penetração social, mostrando o modo como o homem age sobre o outro por meio da linguagem.

É também partindo das proposições dessa Semiótica Didática que o artigo de Daniervelin Renata Marques Pereira (UFMG), intitulado “Semiótica Discursiva na educação: caminhos possíveis”, percorre os caminhos tomados no Brasil quanto à presença da perspectiva semiótica, de linha francesa, nos diferentes níveis de ensino da Educação Básica. Para isso, a autora realiza uma pesquisa bibliográfica que parte dos textos fundadores da Semiótica Didática até textos mais recentes que defendem a transposição didática da teoria como forma de tornar os alunos mais conscientes dos mecanismos de leitura e construção do texto e do discurso. Seu objetivo é, nesse sentido, tanto a de apresentar ideias de Greimas em seu artigo “Pour une sémiotique didactique” (1979), e em uma entrevista concedida a Fontanille em 1984, sobre semiótica e ensino, quanto expor alguns resultados

encontrados na análise exploratória e qualitativa de nove artigos, uma dissertação de mestrado e um livro que também procuram aproximar a Semiótica da Educação. Na análise desse material por ela selecionado, interessa responder a questões do tipo: como a Semiótica é vista na relação com outras disciplinas? Quais são os espaços educacionais apontados para exercício da metodologia semiótica e suas funções? Quais conceitos da Semiótica podem ser mais produtivos para o ensino na educação básica?

Com o trabalho “Prática didática e discurso de autoridade no livro paradidático: o peritexto como estratégia enunciativa”, Matheus Nogueira Schwartzmann e Flávia Furlan Granato (UNESP) propõem uma reflexão sobre o discurso de autoridade instaurado em alguns peritextos da obra paradidática *O poeta que fingia*, da coleção “Meu amigo escritor”, organizada por Álvaro Cardoso Gomes, na Editora FDT. Examinando – com base na análise semiótica dos textos que acompanham, no mesmo suporte, o conteúdo principal do livro – como se organizam certos procedimentos discursivos na construção da prática didática vislumbrada e da imagem dos atores da enunciação, os pesquisadores vão mostrar que a relação proposta pela obra entre o enunciador didático e o enunciatário aprendiz é pouco inovadora e também pouco “facilitadora”, indo numa direção inversa à que sugere a coleção.

O interesse pela prática didática reitera-se no texto de Eliane Soares de Lima (USP), “De triagens a misturas: por uma compreensão semiótica do processo de transposição didática”, mas, desta vez, elegendo como tema de debate a problemática da transposição didática, tal como proposta pelo didata francês Yves Chevallard. O intuito principal da semioticista é o de mostrar que a didatização de conteúdos – dentro do sistema de ensino como um todo, do contexto acadêmico-científico ao escolar – não é apenas uma questão de simplificação, mas de transposição de uma esfera a outra, de recontextualização a partir das peculiaridades de uma nova prática semiótica, uma nova instância enunciativa. Para comprovar essa ideia, Lima parte das proposições teóricas de Chevallard interpretando-as com base nas noções de “prática” e “estratégia” semióticas, conforme desenvolvidas por Jacques Fontanille, refinando sua análise pela aplicação dos princípios sintáticos do processo de mistura tal como formulados por Claude Zilberberg em seu artigo “As condições semióticas da mestiçagem”. Esse caminho de investigação lhe permite descrever semioticamente o percurso de transposição didática, lançando luz sobre seu modo de estruturação e os princípios orientadores (internos e externos) nele envolvidos.

No artigo de Thiago Moreira Correa (USP), “Semissymbolismo como estratégia didática na Semiótica Visual”, o domínio de interesse não é mais a formação básica escolar, mas o Ensino Superior, em especial no que se refere à formação dos pós-graduandos em Semiótica, mais especificamente, em semiótica visual. A noção de semissymbolismo é, então, tomada como ponto-chave da discussão, que busca, a partir da comparação entre a proposta metodológica proveniente das investigações de Jean-Marie Floch e a semiótica tensiva desenvolvida por Claude Zilberberg, chegar a uma estratégia didática para o ensino da semiótica visual, a fim de estabelecer hierarquias entre conteúdos e níveis de aprendizagem, trazendo as adversidades teóricas para o centro da discussão. Nas palavras do autor, “a aprendizagem do modelo mais concreto [Floch] para chegar ao modelo mais abstrato [Zilberberg] desenvolverá competências de análise e síntese para que o aluno [de pós-graduação] possa avaliar as abordagens com uma

consciência epistemológica que favoreceria a exploração de novos caminhos para o assunto”.

O papel dos estudos linguísticos na formação inicial de professores, para um ensino eficiente de língua materna, é o tema do artigo “Levando a linguagem a sério: o ensino de Língua Portuguesa a partir do texto”, de André Vinicius Lopes Coneglian (UFMG). Três perguntas conduzem a sua argumentação: o que se propõe ensinar na educação básica? O que se deve pretender ensinar no curso de Letras? Como a Linguística pode guiar o ensino de língua materna? A fim de responder a essas questões, Coneglian faz, de início, uma avaliação do que está posto nos documentos oficiais para o ensino de língua materna no Brasil, defendendo, na sequência, a necessidade de uma formação teórica sólida para reflexão (científica) sobre a linguagem por parte dos alunos de Letras, futuros professores da educação básica, para que possam exercer uma prática educadora reflexiva e transformadora. No caso da última pergunta, a perspectiva funcionalista da linguagem, como teoria que penetra na constituição dos textos, é posta no centro das reflexões, por permitir, de acordo com o autor, que a língua seja verificada e estudada em sua vivência, em sua manifestação real.

No caso do texto de Lucas Takeo Shimoda e Luiz Fernando Ferreira (USP), “O ensino de coerência textual em enunciados verbais e não-verbais: uma abordagem alternativa”, o foco de atenção está no ensino dos fenômenos relacionados à construção do significado. Com isso em vista, os dois autores propõem uma abordagem didática alternativa para o ensino da coerência textual em sala de aula, fundamentada teoricamente no diálogo inédito entre a perspectiva da Semiótica Discursiva e a da Semântica Dinâmica. Da primeira disciplina, são selecionados os conceitos de isotopia figurativo-temática e contrato de veridicção; enquanto da segunda, os de contradição e *common ground*. O rendimento de aplicação do diálogo entre esses conceitos é demonstrado, em primeiro lugar, por propostas de intervenção didática baseadas em textos relativamente simples, extraídos de redes sociais, passando, em seguida, para proposições de trabalho com textos visuais, e, por fim, discutindo a possibilidade de aplicação também em textos verbais mais complexos, como dissertações, cartas, discursos políticos etc. Todas as atividades didáticas por eles sugeridas procuram oferecer ao professor meios para levar os alunos a reconhecer incoerências propositalmente empregadas com fins retóricos, argumentativos e estéticos, seguindo a perspectiva da aprendizagem ativa, baseada na cooperação.

O ensino-aprendizagem da leitura do texto literário é trazido à cena no artigo de José Leite de Oliveira Jr. e Vinicius da Silva Vieira (UFC), “Ensino e aprendizagem de literatura no nível médio da região metropolitana de Fortaleza: progressão cognitiva e interação discursiva”. De acordo com os pesquisadores, seja considerado como forma discursiva própria, seja como elemento de consumo de um sistema literário, o texto de literatura pede da escola um comprometimento didático-pedagógico específico. Nesse sentido, entendendo a situação de aula como um gênero discursivo em que um destinador (professor) propõe ao destinatário (alunos) a aquisição do texto literário como objeto, eles procuram mostrar a produtividade, na preparação de planos de aula, do diálogo entre as categorias cognitivas da Taxionomia de Bloom e o ensino de Literatura. O intuito é o de chamar a atenção para o fato de que somente um planejamento consciente, por parte dos professores, da natureza cognitiva das chamadas competências e habilidades discursivas a serem desenvolvidas pelos alunos poderá prover as

condições necessárias para que se efetive, no cotidiano pedagógico, o verdadeiro letramento literário, a formação de leitores efetivamente proficientes.

É igualmente a preocupação em oferecer caminhos produtivos ao ensino-aprendizagem da leitura o tema que dirige as discussões do texto “Semiótica e ensino: possibilidades para o trabalho com leitura no Ensino Fundamental”, de Fernanda Valeska Mendes da Silva (UFPA). A autora apresenta em seu artigo os resultados obtidos por meio de uma pesquisa-ação – à luz da Semiótica greimasiana e das estratégias de leitura propostas por Isabel Solé – cujo objetivo era contribuir para uma abordagem eficaz do texto na escola com vistas ao aprimoramento da competência leitora dos alunos. A discussão realizada por ela se pauta, pois, em uma das atividades implementadas em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Igarapé-Açu, Pará, a partir da qual ela procura evidenciar a produtividade da proposta da Semiótica Discursiva quando orientada didaticamente para o processamento dos sentidos nas atividades de leitura, como mais uma possibilidade de tratamento didático, um recurso teórico-metodológico pertinente também para contextos escolares.

A problemática do multiletramento retorna à pauta com Ana Paula Pinheiro da Silveira (UTFPR), que, em “Ler e jogar no Inferno de Dante”, põe em debate uma proposta de leitura – baseada também no instrumental da Semiótica Discursiva – da paixão do remorso na narrativa digital *Dante's Inferno*, desenvolvida pela Visceral Games, em 2010, para as plataformas PlayStation3 e Xbox360. O objetivo de Silveira é explicitar como um grupo de alunos do Ensino Fundamental, com a mediação do professor, pode compreender o percurso passional dos protagonistas do *game*, inspirado em *A Divina Comédia*, ao mesmo tempo que internaliza uma forma de análise dos textos sincréticos, tão valorizados pela *Base Nacional Comum Curricular*. Segundo a autora, ir além do modo programado do trabalho com a leitura na escola para eleger também atividades com textos que extrapolam o universo tradicional da sala de aula, aproximando-se de práticas de linguagem mais cotidianas e contemporâneas, favorece a formação do letramento crítico e do multiletramento, ao mesmo tempo que propicia uma experiência de leitura mais efetiva e abrangente, capaz de mobilizar o interesse dos alunos pelo querer-saber mais do que pelo dever-saber.

Esse é também o entendimento de Rafael Seixas de Amoêdo e Neiva Maria Machado Soares (UEA), que, em seu texto “Curta-metragem em ação: painel multimodal e discursivo”, discutem o fato de as produções audiovisuais, tanto no que diz respeito aos longas quanto aos curtas-metragens, cumprirem um importante papel no ensino, por possibilitarem o diálogo produtivo com a proposta dos multiletramentos. Para comprovar esse ponto de vista, eles apresentam uma análise do curta-metragem *Os Fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore* (2011), de autoria do escritor e ilustrador William Joyce, aplicando a perspectiva de transcrição multimodal, de Anthony Baldry e Paul Thibault, em diálogo com a Teoria Semiótica Social da Multimodalidade e as categorias referentes ao significado, de Gunther Kress e Theo van Leeuwen. Também a Análise Crítica do Discurso é mobilizada para descrição das práticas discursiva e social em pauta. O objetivo dos autores é o de propor um método e uma perspectiva didática suscetível de amparar a complexidade de leitura desse tipo de gênero multimodal, podendo ser empregados no ensino como forma de desenvolver as habilidades de leitura, interpretação e produção de textos multissemióticos, cada vez mais requeridas no contexto contemporâneo.

O artigo de Ernani Terra (PUC-SP), “Construção de sentido em enunciados de atividades em livros didáticos”, dedica-se, por sua vez, a um estudo das estratégias discursivas adotadas na elaboração de enunciados de vários tipos de atividades, presentes em livros didáticos de disciplinas do Ensino Fundamental e Médio destinados ao mercado privado e à rede pública. De um breve histórico da produção do livro didático no Brasil, no qual destaca a mudança significativa ocorrida na proposição das atividades a partir dos anos 1980, o autor passa, em seguida, a uma análise mais detida – fundamentada pelas teorias da enunciação e pela Semiótica de linha francesa – desses enunciados, sob o ponto de vista de sua discursivização e também de sua textualização. A partir daí ele propõe, adotando a nomenclatura das categorias estabelecidas por Luiz Antônio Marcuschi e por Marisol Velásquez, e criando outras, uma tipologia das atividades escolares em livros didáticos, independentemente da disciplina e do ano de escolarização, devendo ela servir como metalinguagem operatória para o exame da formulação de enunciados dessa natureza.

Ana Carolina Cortez Noronha (USP) retoma em seu texto, “Considerações semióticas sobre o uso da tecnologia digital em salas de aula”, o debate sobre as prescrições de uso da tecnologia digital na escola. Apoiando-se em um exame das recomendações dos documentos oficiais da educação brasileira, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) e a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), ela mostra as contribuições teóricas que a semiótica de linha francesa oferece à problematização dessa questão. Para tanto, vale-se do conceito de “verdade”, tal como formulado por Greimas em *Sobre o sentido II*, e dos estudos sobre o discurso na internet realizados por Diana Luz Pessoa de Barros. Também os apontamentos feitos pela filósofa Hannah Arendt sobre a crise na educação, em escrito de 1954, são tomados como base. Nas palavras da pesquisadora, “fazer os alunos chegarem à percepção da heterogeneidade do mundo, das fontes de informação e à percepção das diferenças e (de)limitações entre as fontes do saber faz parte do chamado letramento digital, que se encontra na ordem deontica das construções da educação escolar contemporânea”.

O penúltimo artigo do dossiê, “Análise semiótica do discurso de jovens brasileiros de perfis variados: protagonismo e estratégias semióticas”, é de Daniel Carmona Leite (USP), que, debruçado sobre a noção de protagonismo, procura detalhar o modo como tal problemática pode ser abordada a partir do instrumental teórico da Semiótica de linha francesa, em especial no que diz respeito às proposições de Jacques Fontanille sobre os conceitos de “objetivo prático” e “horizonte estratégico”. Para exemplificar a possibilidade, o autor analisa relatos orais de jovens brasileiros do sexo masculino de diferentes perfis: jovens urbanos, residentes em São Paulo; adolescentes que, na mesma cidade, estavam cumprindo medidas socioeducativas em regime de semiliberdade; e jovens indígenas pertencentes à etnia xavante, residentes na Terra Indígena Sangradouro. Sua intenção é chamar a atenção para a necessidade de práticas educativas que conscientizem os jovens a respeito do que seriam os processos mais amplos de suas sociedades, além de os instrumentalizar para encontrar saídas para os problemas vividos local e globalmente.

Por fim, o artigo que encerra o dossiê, “Os discursos sobre moral e civismo em livros da coleção Educar (1962) distribuídos a estudantes brasileiros da CEEA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (1947-1963)”, de Rosana da Silva Cuba (IFC), apresenta a análise de alguns livros de autoria de Renato Sêneca Fleury, e ilustrados por Fernando Pieruccetti, utilizados como material didático no

projeto de escolarização de jovens e adultos, em vigência no Brasil de 1947 a 1963. A metodologia utilizada pela autora é a Análise Crítica do Discurso (ACD), de Norman Fairclough, que lhe permitiu examinar as obras selecionadas sob um ponto de vista tríplice, abarcando as dimensões textual, discursiva e de prática social. Contribuições teóricas de Émile Durkheim, por meio dos conceitos de *moral* e *moral cívica* também foram convocadas. Sua investigação demonstra que os materiais analisados eram “emissários de mensagens explícitas e implícitas” visando à consolidação de uma moral cívica assentada em sistemas de crenças e costumes próprios aos interesses do Estado, acima dos interesses pessoais, vistos aqueles como condição essencial para guiar a conduta dos indivíduos.

Na seção Varia a revista conta ainda com o artigo, “O acontecimento estético em 'Muitas vozes' de Ferreira Gullar”, de Vera Abriata (UNIFRAN), que propõe uma análise do poema por meio dos pressupostos teóricos da Semiótica de linha francesa, observando principalmente as relações entre, de um lado, a enunciação e o enunciado, de outro, entre o plano de expressão e o de conteúdo. Sua meta é depreender a forma pela qual o enunciador-narrador do poema constrói o texto como um acontecimento estético, tal como concebido por Greimas em *Da imperfeição* (2002 [1987]). As noções de acontecimento (Zilberberg) e de semissimbolismo (Floch) são também mobilizadas pela autora.

No final deste duro ano de 2019, no qual assistimos no país ao crescente descaso com a Educação, em todos os níveis de formação dos cidadãos, nossa expectativa é a de que este dossiê sirva como demonstração do vigor da produção acadêmica brasileira, empenhada em propor caminhos e lutar por um ensino de qualidade, que seja efetivamente transformador e emancipatório, condição *sine qua non* para uma sociedade mais justa, mais humana.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

BARROS, Diana Luz Pessoa de; TEIXEIRA, Lucia; LIMA, Eliane Soares de  
Contributions of semiotics and other theories of text and discourse to teaching  
*Estudos Semióticos*, thematic issue  
vol. 15, n. 2 (2019)  
issn 1980-4016

---

## Como citar este artigo

BARROS, Diana Luz Pessoa de; TEIXEIRA, Lucia; LIMA, Eliane Soares de. Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino (Apresentação). *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. i-ix. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) . Acesso em “dia/mês/ano”.

---